

Performance of zebu donor cows in vitro production of embryos**Desempenho reprodutivo e produtivo de fêmeas bovinas da raça tabapuã em rebanho de elite**

DOI:10.34117/bjdv6n4-314

Recebimento dos originais: 24/03/2020

Aceitação para publicação: 24/04/2020

Patrícia Simone Dal-Col

Mestranda da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ.

E-mail: psdalcol@gmail.com.

Edna Ferreira Coelho GalvãoProf. Dr^a. Da Universidade do estado do Pará – UEPA.

E-mail: efcgalvao@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho propõe-se estabelecer um diálogo entre o paradigma da corporeidade e a semiótica do corpo, como se articulam entre si, para assim refletir sobre a produção de subjetividades a partir da prática de vivências em Biodanza. O texto evidencia a fenomenologia de Merleau-Ponty para embasamento dos conceitos de corporeidade e semiótica em interlocução com outros teóricos. Para a apresentação da Biodanza nos reportamos ao arcabouço teórico - metodológica de Rolando Toro, criador da técnica e dialogamos com o filósofo Wilhelm Dilthey para tratar do conceito de vivência. A Biodanza é um sistema vivencial de integração e desenvolvimento humano que visa promover a (re) aprendizagem afetiva do sujeito-praticante. A dança na Biodanza é a dança da vida, é movimento pleno de sentido que tem o propósito de deflagrar vivências de vitalidade, afetividade, criatividade, prazer cenestésico e pertencimento. É um sistema vivenciado em grupo por meio de dinâmicas que envolvem músicas específicas e movimentos plenos de significados que visam despertar e fortalecer potenciais genéticos humanos que foram bloqueados ao longo da vida. O afloramento desses potenciais genéticos promove a transformação no estilo de vida e por sua vez na identidade, o que nos leva a produção de subjetividades.

Palavras-chave: corporeidade - semiótica do corpo - subjetividade – vivência**ABSTRACT**

This work proposes to establish a dialogue between the paradigm of corporeality and the semiotics of the body, as they articulate with each other, in order to reflect on the production of subjectivities from the practice of experiences in Biodanza. The text highlights the phenomenology of Merleau-Ponty to support the concepts of corporeality and semiotics in dialogue with other theorists. For the presentation of Biodanza, we refer to the theoretical and

methodological framework of Rolando Toro, creator of the technique and talked to the philosopher Wilhelm Dilthey to discuss the concept of experience. Biodanza is an experiential system of integration and human development that aims to promote the affective (re) learning of the subject-practitioner. The dance at Biodanza is the dance of life, it is a movement full of meaning that has the purpose of triggering experiences of vitality, affectivity, creativity, cenesthetic pleasure and belonging. It is a system experienced in groups through dynamics that involve specific songs and movements full of meanings that aim to awaken and strengthen potential human genetics that have been blocked throughout life. The emergence of these genetic potentials promotes a transformation in lifestyle and in turn in identity, which leads us to the production of subjectivities.

Keywords: corporeality - semiotics of the body - subjectivity - experience

1 INTRODUÇÃO

O que são vivências? O que é Biodanza? É possível a produção de subjetividade a partir da prática de Biodanza? Estas são questões que se fazem presentes quando o foco é a Biodanza. Se acreditarmos que os indivíduos, através das vivências cotidianas, manifestam sua corporeidade, não é difícil aceitar que esta também se manifesta pelas vivências em Biodanza, pois a subjetividade como espaço íntimo do sujeito, lugar onde se produz percepções, ideias e valores de si e do mundo em articulação com o mundo social, também se produz no contexto da Biodanza. Para compreender como estes conceitos se articulam o presente artigo tem a intenção de refletir sobre a produção de subjetividades a partir da prática de vivências de Biodanza. Para tanto, faremos um breve percurso pela relação do homem com seu corpo para uma maior compreensão sobre o paradigma corporeidade e a ascensão à semiótica do corpo. Em seguida, buscaremos estabelecer uma dialética destes conceitos em ressonância com a práxis da Biodanza, descrevendo sua teoria, metodologia, princípio e objetivos. Ao mesmo tempo, no bojo deste cabedal teórico, refletiremos o que vem a ser vivência, com base no pensamento de Dilthey e a produção de subjetividades em Biodanza.

2 O PARADIGMA CORPOREIDADE E A ASCENSÃO À SEMIÓTICA DO CORPO

Ao longo da trajetória histórica do diálogo (ou não diálogo) do homem com seu corpo é perceptível a concepção de mundo e de corpo fragmentado. Sob essa égide, o homem in-corpora o discurso da dissociação corpo/alma e delega à razão o status de maior importância, sobrepondo-a ao corpo. Desta forma, provérbios do tipo quando a cabeça não pensa o corpo padece, tua cabeça teu guia ou agir pela razão e não pela emoção, caracterizam uma dissociação entre o sentir, o pensar e o agir. Essa dissociação implica numa

“descorporalização” (GONÇALVES,1994) do ser e um estar no mundo de forma não saudável. Desta recusa ao corpo, celebramos mais tarde, o que será visto como um culto ao corpo, símbolo de perfeição e busca insaciável pela forma perfeita e pelo belo.

Diante desta visão dualista, apontar um novo paradigma para nortear o entendimento do homem sobre sua existência corpórea torna-se extremamente necessário. Assimilar um novo paradigma dentro deste mosaico humano é o desafio imposto ao pensamento moderno. Esse desafio se posta na contramão histórica da visão fragmentada de corpo/mundo, negando assim a dualidade, a mecanização e o extremismo da razão ou do corpo. Por conseguinte, insemina lentamente a concepção integral, complexa, auto-organizativa e holística de corpo. Abarcando neste novo contexto as díades, eu/mundo, matéria/energia, corpo/alma, eu/outro como coexistentes, interdependentes, complementares, unas. Logo, dessa necessidade de inteireza, desponta um novo conceito, um novo jeito do homem se perceber, nasce o paradigma da corporeidade.

O paradigma da corporeidade se constitui circundado pelo velho pensamento. Tal como a raiz de uma árvore que vem rasgando a terra árida, esse novo paradigma aflora no centro do pensamento holístico. Portanto, era preciso despedir-se do velho modelo para penetrar em si mesmo e assim renascer no novo conceito de eu-mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Reencontrar o ser humano dos mitos do poeta Hesíodo, um ser constituído inteiramente de natureza, ao qual se acrescentou o espírito divino e, portanto, filho da terra, irmão de todos os seres que aqui coabitam (SCHWAB, 1996). Era preciso também, buscar na gênese humana a unidade perdida, completamente integrada e ao mesmo tempo integrante da natureza. Deste modo, ir ao encontro da essência divina que esteve predominante durante milênios na história das mais diversas civilizações.

A corporeidade ocorre no terreno da vivência, no espaço da mediação entre o somático e o psíquico. O que se convencionou a chamar de corpo, não passa de um conjunto de órgãos desprovido de alma, uma engrenagem perfeita, autônoma e eficiente. A noção de corporeidade inaugura e resgata a dimensão total e afetiva do ser. Para abarcar seu significado é preciso vestir-se de simbologia, de transcendência, de imanência, vestir-se de vivência. Najmanovich, (2001) afirma que assumir essa posição é pensar em uma multidimensionalidade da experiência corporal, é conceber uma nova visão de corpo: “corpo vivencial” ou “corpo experiencial”.

O corpo vivencial não alude a substância alguma, não tem um referente fixo fora de nossa experiência como sujeitos encarnados, [...] é antes de tudo um território

autônomo, e, por sua vez, ligado não extrinsecamente ao entorno, com o qual vive em permanente intercâmbio (NAJMANOVICH, 2001 p.24).

Historicamente, o corpo tem sido visto e tratado preferencialmente do ponto de vista de sua anatomia e fisiologia. Merleau-Ponty, (1999) concede “ao lado sensível” a importância central na vida humana, dispondo-o a uma dimensão ontológica. Desta forma, indica outra direção para a compreensão de corporeidade, imprimindo uma visão de corpo integrada ao movimento, compreendendo uma totalidade humana. Nesta concepção o poder da consciência é minimizado e adota a forma da relação corpo-mundo permeada pelo sensível.

O corpo para Merleau-Ponty (1999) é a expressão do Ser no mundo, é através do corpo que se conhece o mundo e se é conhecido por ele. “[...] tenho consciência de meu corpo através do mundo [...] e tenho consciência do mundo por meio de meu corpo [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.122). Portanto, a noção de uma consciência pura que constitui e determina a realidade é substituída por uma constituição do real, a partir de uma leitura corpo-mundo, numa relação homem-mundo, estabelecida no contato direto com as coisas do mundo pelo toque, pelo olhar, pelo gosto, enfim, por meio dos sentidos. Nessa simbiose revelam-se: homem e mundo.

Merleau-Ponty, (1999) a partir dessa experiência perceptiva de homem como ser-no-mundo, revela a profunda união corpo-espírito. Defende que através dos sentidos corporais, o homem se abre para a realidade do mundo e ao mesmo tempo em que transforma essa realidade, ele é transformado por ela. Essa alquimia existencial converte-se em matéria subjetiva do EU que percebe. As sensações não são impressões puras, os estímulos sensíveis não invadem indiscriminadamente o EU. Essas sensações vivenciadas pelo corpo também estão repletas de subjetividade do mundo exterior. GONÇALVES, (1994) descreve esse homem como ser-no-mundo, absorvido pelas impressões do mundo se mostra como parte dele:

Ser no mundo com o corpo significa estar aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar o corpo na intimidade do Eu: sua beleza, sua plasticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento e contemplação. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, da alegria e da depressão, do isolamento e do comprometimento (GONÇALVES,1994, p.103)

Merleau-Ponty, (1999) descreve que a experiência perceptiva, na concepção ser-no-mundo, revela a existência humana, pois na junção eu-mundo surgem o ser das coisas e o ser

do homem. Não há uma consciência pura constituinte do mundo, ou que seja preexistente à percepção. O que existe é uma unicidade anterior a consciência, um corpo reflexionante que sente-percebe-interage com o mundo. Esse corpo, Merleau-Ponty (1999) chamou de corpo próprio. O corpo próprio não está separado da consciência, de outro modo, converge numa totalidade que simultaneamente é sujeito/objeto, vivente/vivido, tocante/tocado.

Para Merleau-Ponty, (1999) a superação da dicotomia clássica (sujeito x objeto) só é possível a partir de uma re-significação da condição existencial. Isto é, quando o homem passa a reconhecer-se como corpo, porém em unidades distintas do objeto científico, mas compreendendo que estas unidades que compõem a estrutura humana existem em constante interação.

A metafísica da corporeidade pode ser encontrada em vários substratos teóricos, mas é talvez na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) que o paradigma corporeidade ascende à semiótica do corpo. Não obstante, a semiótica do corpo tem como axioma de sua fundamentação teórica a mesma argumentação da práxis filosófico-histórica: uma concepção de corpo dissociado. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1999) caminha na direção oposta a dissociação corpo/alma e confere uma visão integral a essas dimensões, entendendo-as como uma unidade significativa; corporeidade. Essa escuta sensível pode nos levar ao conhecimento dessa extensão do corpo que é a corporeidade (FUENMAYOR, 2005 p.7).

Para Fuenmayor (2005), a corporeidade seria a compreensão do corpo numa semiótica anterior à entrada do homem ao mundo simbólico. Portanto, a corporeidade compreende o corpo como uma representação anterior a qualquer forma de expressão, seja ela verbal, gestual, grafismos ou imagéticas. Para alguém orientado pelo olhar semiótico, o corpo começa como que um texto, um documento a ler. (BÁRTOLO, 2007, p.36). Poderíamos dizer que a semiótica do corpo seria o corpo na forma de discurso. Desse modo, o que está impresso na memória somática é revelado textualmente, consciente ou inconscientemente, na expressão do corpo. De acordo com Contreras:

La semiótica del cuerpo se ocupa de la estesia en cuanto dimension sensible de la experiencia, de las articulaciones del sensible (sinestesia, polisensorialidad), de la dimension somática de la memoria y por ende tambien de la estetica. Se trata, en el

fondo, de un campo de estudios que intenta dar cuenta del cuerpo como sede y resorte de la experiencia sensible y la articulacion semiótica (CONTRERAS, 2012, p.2)¹.

Sendo o corpo campo de produção de sentido, não é possível, antecipadamente, projetar sobre ele um esquema de reconhecimento ou classificação, a semiótica nos mostra que é no próprio corpo, naquilo que tem de irredutivelmente único, que é possível visualizar os modos de agenciamento e as singularidades que o fazem significar (BARTOLO, 2007).

3 O SISTEMA BODANZA: CONEXÃO COM A VIDA

Em conformidade com os argumentos teóricos expostos até o momento a respeito de corporeidade e semiótica do corpo, reconhecemos a Biodanza como uma práxis indutora da concepção de corpo à luz da semiótica do corpo. Este entendimento nos parece congruente ao considerarmos esse Sistema tomando por base sua definição: “A Biodanza é um sistema de integração humana, renovação orgânica, reeducação afetiva e reaprendizado das funções originárias da vida” (TORO, 2002, p.33). Trata-se de um sistema vivencial que tem por objetivo a integração afetiva, na qual se pretende restabelecer a unidade perdida entre homem e natureza; A renovação orgânica por meio da auto-regulação orgânica para um equilíbrio homeostático, ou seja, a homeostase. Por fim, a reaprendizagem das funções originárias da vida, na qual recuperamos estímulos específicos que tem por finalidade a preservação da vida, isto é, princípio biocêntrico.

O Sistema Biodanza foi criado pelo antropólogo e psicólogo chileno Rolando Toro, meio às suas reflexões sobre as ações do homem no mundo e do abismo gerado pelas contradições humanas. Devido a um comportamento do homem cada vez mais violento e dissociado de si, do outro e do universo, Toro (2002) sonhou com a possibilidade do encontro de homens e mulheres com sua humanidade, com o seu diferente, com o Todo, numa fusão de complexos. A Biodanza possui uma metodologia dinâmica que utiliza a música e o movimento pleno de sentido, com o objetivo de induzir situações num contexto de integração grupal que otimizam potenciais de vitalidade, afetividade, fraternidade, ternura, sexualidade, desejo, prazer, criação, liberdade, espontaneidade e harmonia (TORO, ([1980 – 1990]).

A Biodanza tem como princípio norteador a vida. Trata-se de conceber o universo organizado em função da vida, o universo existe, porque existe a vida. Vivemos a emergência

¹ Compreende-se como: A semiótica do corpo lida com a estesia como uma dimensão sensível da experiência, das articulações do sensível (sinestesia, polissensorial), da dimensão somática da memória e, portanto, também da estética. Enfim, é um campo de estudos que procura explicar o corpo como sede e mola da experiência sensível e da articulação semiótica.

de uma nova concepção de homem e universo (TORO, 1995). Para Boff, (2010) é preciso “tirar o ser humano do seu falso pedestal e de sua solidão onde se autocolocou: fora e acima da natureza. E seu antropocentrismo ancestral e seu individualismo visceral. (BOFF, 2010, p.25).

O objetivo principal da Biodanza é a preservação da vida. Denominado como Princípio Biocêntrico, este, é um alerta para necessidade de se restabelecer a sacralidade da vida, de conceber o universo organizado em função da vida e concebê-lo como um gigantesco holograma vivo. É preciso reconhecer outros EUS no universo, que estão inter-relacionados e vinculados a uma teia cósmica, algo mais complexo, sistêmico e auto-regulável. A concepção de universo auto-regulável, autônomo e capaz de autoevolução compreendida por Toro (1995), está fundamentada na teoria do universo autorregulável de Maturana e Varela (1995). Nesta concepção o ser humano é visto como capaz de conduzir seu próprio processo evolutivo (autopoiésis), portanto, capaz de renovações em diferentes aspectos, inclusive orgânico, ou seja, renovação orgânica (MATURANA: VARELA, 1995).

O modelo teórico de Biodanza desenha todo o processo da vida, que abrange desde a filogênese, até o ápice do desenvolvimento humano, a integração humana. A filogênese pode-se traduzir, numa forma poética, como a concepção da vida. Na base do eixo vertical, que representa a ontogênese, encontram-se os potenciais genéticos, traduzidos nas linhas de vivências que se desenvolvem numa trama espiral em torno do eixo ascendente (TORO, ([1980 – 1990]).

As linhas de vivências correspondem aos potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. Esses potenciais são influenciados pelas protovivências, ou seja, vivências obtidas nos primeiros seis meses de vida. Influenciados também por ecofatores positivos e/ou negativos. Os ecofatores são experiências que o indivíduo tem ao longo de sua história que estimulam ou inibem o desenvolvimento de suas potencialidades genéticas e forjam sua identidade (TORO, 1997).

Para Toro (2002, p.77) “A identidade é o centro a partir do qual eu sinto o mundo e me diferencio dele. É ao mesmo tempo consciência e vivência de ser”. Em sua ótica, a identidade é mutável, não estática, está em constante metamorfose, mas não altera a essência do indivíduo. A identidade é antes de tudo corpórea e, é apresentada pelo corpo ao mundo, através do movimento. Só se identifica alguém a partir de sua descrição corpórea. O homem só é um ser no mundo a partir de sua identidade, e o indivíduo é o que é, na sua subjetividade, através

do movimento. A relação identidade-movimento remete a relação identidade-dança, pois segundo Garaudy, (1980, p.13) “a dança é um modo de existir”.

A Biodanza promove o reencontro do indivíduo com sua corporeidade por meio de um processo de profunda conexão com a vida, que permite integrar-se a si mesmo, à espécie e ao universo. Essa conexão com a vida é despertada por meio de uma dinâmica que envolve música e movimento que geram vivências. O conceito de vivência está relacionado com a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente e envolvem cenestesia, funções viscerais e emocionais, suscitando no indivíduo a vivência da corporeidade (TORO, ([1980 – 1990]).

4 VIVÊNCIA CONCEITO FUNDANTE DA SUBJETIVIDADE E DA CORPOREIDADE

Há de se compreender os conceitos de vivência, corporeidade e subjetividade como uma teia epistemológica onde os argumentos teóricos se fusionam dando os fundamentos necessários à proposta de estudo. Assim, começamos por significar o termo vivência e, nesse sentido, será dado destaque para Wilhelm Dilthey. Segundo Amaral, (2004) para Dilthey vivência é uma representação diminuta da situação vivida num tempo e espaço, entretanto, é mais evidente e real e em proporções muito maiores que a própria realidade. E, ainda, os fatos da consciência não se reduzem a meras imagens sem nexos em relação ao mundo exterior e sim são representações holográficas do vivido. “Não há separação entre vivência e realidade; para ele, vivência é realidade e realidade é vivência” (AMARAL, 2004, p.3).

Amaral (2004) apresenta o conceito de vivência proposto por Dilthey em contraposição à percepção de mundo fracionada exposta na filosofia tradicional. Nessa contextura, o filósofo, denominou-a de “experiência mutilada da realidade” nos oferecendo, a vivência como símbolo verdadeiro da “experiência plena e não mutilada” da realidade igualmente “plena e total”. (AMARAL, 2004, p. 52). Além disso, Dilthey aponta a vivência como uma experiência pré-reflexiva, espontânea e com temporalidade própria. Para ele os pressupostos fundamentais do conhecimento estão dados na vida e o pensamento não pode conceber por trás deles (AMARAL, 2004). Nesse sentido, o pensamento de Dilthey dialoga com o texto no que se refere às vivências de Biodanza e a produção de subjetividades, pois atribuiu à vivência uma natureza imanente, ao captar e interpretar a realidade por meio dos sentidos. Nesse caso, é bom lembrar a citação de Fuenmayor (2005), escrita anteriormente que a corporeidade seria a compreensão do corpo numa semiótica anterior à entrada do homem ao mundo simbólico.

Neste ponto do texto, podemos assegurar que corporeidade, semiótica do corpo e vivência, são conceitos que se constituem a partir de, ou como uma ação pré-reflexiva.

A vivência é uma experiência na qual o corpo inteiro participa e apreende a realidade. Desta forma, o corpo é tão atuante no processo de aprendizagem quanto a cognição. Para tal, a noção de vivência precede qualquer apreensão da realidade e isso desloca os processos cognitivos para o corpo, apontando para outros modos de consciência que não apenas a vígil e intencional. Nessa perspectiva o pensamento encarna no corpo e o corpo todo pensa. Sendo o corpo instrumento no processo de aprendizado e local onde a percepção do mundo é impressa, podemos dizer que é na expressão da corporeidade que se reflete a subjetividade constituída por meio da vivência (PIRES, 2014).

Defendemos que vivência, corporeidade/semiótica do corpo e subjetividade estão intimamente entrelaçadas. Nesse alinhamento, torna-se evidente a interação entre os conceitos e, nos impulsiona a afirmar que vivência e corporeidade/semiótica do corpo se fusionam, assim como dizer que não existe subjetividade que não seja resultante de uma vivência da corporeidade e que toda vivência corporal promove subjetividade. Como expressa Araújo: “a subjetividade [...] será então o espaço/moradia onde se organizam as nossas experiências existenciais, será o território no qual nos situamos, para podermos estabelecer relações com os outros, e para atribuir significado às experiências vividas” (ARAÚJO, 2002, p. 82).

Merleau-Ponty (1999) no desenvolvimento da noção de corpo-próprio faz uma análise do hábito como extensão da existência é, portanto, ao mesmo tempo motor e perceptivo, sendo uma forma de aquisição de um mundo e a significação desse mundo se faz pelo corpo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 211). Isso nos faz refletir que o corpo é a própria vivência da corporeidade e que esse corpo “vai sendo” na medida que incorpora esses hábitos, tornando-se subjetividades. Deste modo, consideramos que a subjetividade revelada na corporeidade do praticante de Biodanza é constituída a partir das vivências.

Fuenmayor (2010) destaca que a corporeidade é a autoconstrução do corpo e a semiótica é um processo de organização inconsciente de comunicação entre o indivíduo e a sua cultura. Para ele, corporeidade e semiótica se constituem fundamentalmente de processos autopoieticos, numa dinâmica de autocriação e auto-organização espontânea. Logo, não vemos esses conceitos de modo separados, mas sim implícitos e implicados na formação do sujeito. O que nos faz apreender que ao acreditarmos que não somos apenas corpo - ainda numa visão dualista – contudo, corporeidade atravessada pelo mundo, podemos dizer que somos uma “semiose corpórea” (FUENMAYOR, 2010, p. 10).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aproximarmos a tessitura hermenêutica dos conceitos de corporeidade e semiótica do corpo, podemos constatar o quanto esses textos se completam e se fundem na ontologia do ser. Nesse sentido, a corporeidade apresenta-se como a manifestação do sujeito no mundo, produzida continuamente pela autoconstrução do corpo nas vivências e experiências cotidianas. A semiótica se processa na comunicação deste ser com o mundo, com a cultura, num processo constante de construção-reconstrução (atopoiese). Somos uma corporeidade semiótica, produzidos a partir das ideias e autovalores de si e do mundo, fazendo surgir deste contexto à subjetividade, como a representação do que torna o indivíduo um sujeito único.

Concordamos com Merleau-Ponty (1999) que a subjetividade se constrói e reconstrói a partir do movimento de ser-no-mundo, logo, isso ocorre tanto nas vivências do cotidiano quanto nas vivências de Biodanza. Na Biodanza a subjetividade se expressa através do corpo, nas vivências rítmicas estimuladas durante as aulas, a base de sua metodologia é a vivência de movimentos primordiais da dança, transformados em atividades conscientes dos sentimentos e sensações, o que as torna significativas na construção da subjetividade humana. Posto isto, a Biodanza, enquanto um sistema vivencial é uma oportunidade de experiência criativa, capaz de produzir novas formas de subjetivação. Essas experiências mobilizam aspectos subjetivos dos participantes potencializando possibilidades transformadoras do existir humano, portanto promove subjetividades.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria N. de C. P. Dilthey. **Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito**, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v27n2/v27n2a04.pdf>. Acesso em: 31 de março 2015.

BÁRTOLO, José. **Corpo e Sentido. Estudos Intersemióticos**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom, 2007. Disponível em: http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/20110824-bartolo_jose_corpo_e_sentido.pdf. Acesso em: 22 de abril de 2018.

BOFF, Leonardo. **O despertar da água: O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Ed.22. Petrópolis: Vozes, 2010.

CONTRERAS, M. J. **Introducción a la semiótica del cuerpo: Presencia, enunciación encarnada y memoria**. Pontificia Universidad Católica de Chile, 2012. Disponível em: <http://catedradeartes.uc.cl/pdf/catedra%2012/maria%20jose%20contreras.pdf>. Acesso: 15 de jan de 2017.

FUENMAYOR, Victor. **VI Congreso Latino-Americana de Semiótica IV Congreso Venezolano de brocas Semiótica, Imaginarios y Representaciones**. Maracaibo de 25 a 28 outubro de 2005: Conferência entre corpo e semiose: THE CORPOREIDAD Between Corpo e Semiótica: corporeidade. Opção, Maracaibo, v. 21, n. 48, p. 121-156, Dez. De 2005. Disponível em <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-15872005000300006&lng=es&nrm=iso>. acessado em 25 de janeiro de 2017.

_____. **Corporeidad, semiosis y memória**. Conferencia dictada en el VI Congreso Venezolano-Internacional de Semiótica, “Nuevas formas de la comunicación, escrituras, cuerpos e imágenes”. Trujillo, 14, 15, y 16 de Julio, 2010. Disponível em: <http://victorfuenmayorruiz.com/files/corporeidadsemiosisymemoria.pdf>

GARAUDY, Roger. **A dança da vida**. São Paulo: 1980.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: Corporeidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1994.

MATURANA, R. Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Editorial Psy II, 1995..

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: Questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PIRES, Nathália Massi. **Sensibilizar a pele, singularizar a existência: o toque e as políticas e as políticas de contato nas praticas de biodança**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do título de mestre. Rio de Janeiro, 2014.

REIS, Alice Casanova dos. **A Dança do Eu: Sentidos da Experiência da Biodança nos Movimentos da Subjetividade**. Universidade Federal de São João del-Rei, 2012. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/Volume7_n1/Reis.pdf. Acesso em: 23 de abril de 2018.

SCHWAB, Gustav. **As mais belas histórias da antiguidade clássica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

TORO, R. **Biodanza**. São Paulo: Editora Olavo Brás, 2002.

_____. **Apostilas do Curso de formação Docente de Biodanza**. International Biocentric Foundation ([1980 – 1990]).

_____. **Definición de Biodanza y Principio Biocentrico: Textos Originais del Prof. Rolando Toro**, 1995.

_____. **Biodanza Lineas de Vivencia: Textos Originais del Prof. Rolando Toro**, 1997.

_____. **Aspectos Biológicos, Fisiológicos e psicológicos.** Apostilas de formação docente, Sistema Rolando Toro ([1980 – 1990]).

_____. **Movimento Humano.** Curso de formação docente, Sistema Rolando Toro ([1980 – 1990]).

_____. **O Inconsciente Vital e Princípio Biocêntrico.** Curso de formação docente, Sistema Rolando Toro ([1980 – 1990]).

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. Em nome do corpo. Rio de Janeiro: Rocco1998.